



# viajou sem passaporte

Projetos aparentemente bobos, mas cheios de provocação, as intervenções do grupo Viajou Sem Passaporte fizeram presença no final dos anos 70. Houve muitas, como a Trajetória do Curativo, a do Paletó e o Trem Fantasma no Parque Ibirapuera...

POR VANESSA BARBARA

“É melhor dormir em meio às vacas que em meio às suas etiquetas e respeitabilidades” (Nietzsche)

Imagine-se caminhando por uma calçada no centro de São Paulo, apressado e distraído. Como de costume você tenta ultrapassar um homem que anda à sua frente. Mas, de maneira brusca, ele resolve parar e dar a volta em torno de uma árvore, como se fosse a coisa mais normal do mundo. Continua a andar, satisfeito.

“Pá, mas já é a terceira pessoa que eu vejo dar a volta nessa árvore!”, exclamou um moço, sentado num bar ali perto. Os transeuntes continuam olhando com uma expressão de perplexidade e medo, pensando em coisas como: “Que será que aconteceu com esse maluco?”, “Acho que é promessa”,

ou “Será que a gente ganha algo se der a volta em torno da árvore também?”

Não era pura falta do que fazer, mas sim um ambicioso projeto. Era a Trajetória em Torno da Árvore, espécie de jogo ou intervenção criativa nas ruas de São Paulo. A coisa aconteceu em 1978, em frente à Biblioteca Mário de Andrade, e foi uma invenção de oito membros do grupo Viajou Sem Passaporte.

Era apenas uma entre tantas intervenções: a Trajetória do Curativo, a Trajetória do Paletó, o Trem Fantasma no Parque Ibirapuera e o Fim da Década. Projetos aparentemente bobos, e mesmo assim cheios de provocação e desobediência civil. Segundo Luis Sergio Raghy, um dos participantes, o objetivo era instaurar uma crise na normalidade

vigente, lutando contra a sujeição apática às regras e buscando a liberdade.

Por exemplo: a Trajetória do Curativo. “A gente pegou uma linha de ônibus e ficou um em cada ponto. Cada um com um curativo no olho. E tinha dentro do ônibus uma pessoa disfarçada de passageiro, só pra observar”, conta Raghy na publicação *Arte em Revista*. “Então o primeiro deles entrava no ônibus, passava na catraca, curativo no olho e tudo bem.” No ponto seguinte outro deles subia, também com um curativo no rosto. O ônibus ia andando e sempre tinha alguém com um enorme curativo, agindo como se tudo estivesse na mais sacrossanta ordem.

Em cada ponto descia um e subia outro. Num dado momento o motorista já se virava para trás, irrequieto. “Quer dizer: um ou dois talvez fosse uma coincidência, mas dez caras... é demais! Tem alguma coisa aí?”

Os passageiros cochichavam: será que isso tudo é organizado? Mas quem se organizaria pra fazer um troço desses? No último ponto da trajetória tinha um cara do grupo, segurando um cartaz com um rosto desenhado e o curativo colado, com o nome Trajetória do Curativo, assinado: Viajou Sem Passaporte.

### Desafiando o senso comum

Um grupo de sociólogos americanos já fez experiências desse tipo, apenas para testar a reação das pessoas diante da “profanação” de regras cotidianas. Harold Garfinkel, por exemplo, em seus *Studies in ethnomethodology*, mandou os alunos testarem as reações de seus próprios amigos. Saíram diálogos do tipo:

(Pessoa): Oi, Ray. Como vai a sua namorada?

(Estudante): Como assim, “como vai a minha namorada”?

Quer dizer, como ela está fisicamente, mentalmente?

(Pessoa): Perguntei como ela vai, óras! Qual o problema com você? *[a pessoa parece irritada]*

(Estudante): Nenhum. Apenas me explique um pouco mais claramente o que você quis dizer com isso, por favor?

(Pessoa): Tá, tá. Deixa pra lá. Como estão indo as provas na faculdade?

(Estudante): Como assim, “como elas estão indo”?

(Pessoa): Você sabe o que eu quis dizer.

## Experimente não parecer feliz dentro de uma sala de aula, com os seus supostos colegas, para ver como aparentar alegria é uma norma a ser cumprida o tempo todo

(Estudante): Eu realmente não sei.

(Pessoa): Qual o problema com você? Está doente?

Em muitas ocasiões a coisa ia longe:

A vítima acena, com uma satisfação incrível e um contentamento impressionante.

(Pessoa): Olá!!! Como vai?

(Estudante): Como vou em relação a quê? Minha saúde, minhas finanças, minhas notas na faculdade, minha paz de espírito?

(Pessoa ficando vermelha, e subitamente fora de controle): Olha aqui!! Eu só estava tentando ser educado. Francamente, não dou a mínima pra você.

Algumas experiências eram realizadas com a própria família: a orientação era de que os alunos agissem em casa como se fossem hóspedes, de maneira polida e distanciada, que é o que geralmente acontece nas relações formais cotidianas. Tente responder a algum amigo seu: “Concordo plenamente, sr. Herzberg!”, como fez um dos alunos para o pai. Experimente não parecer feliz dentro de uma sala de aula, com os seus supostos colegas, para ver como aparentar alegria é uma norma a ser cumprida o tempo todo.

As reações são das mais disparatadas: Qual o problema? O que você tem? Foi demitido? Está doente? Por que está sendo tão arrogante? Andou bebendo? Você é idiota?

Um dos estudantes fez a mãe passar vergonha em frente às visitas apenas por ter entrado na sala em sua casa e feito a seguinte pergunta: “Desculpe, mãe, mas a senhora se importaria se eu apanhasse um lanche na geladeira?” Ela ficou furiosa e tentou explicar às amigas que o filho estava doente, trabalhando demais ou algo do gênero. Seu pai chegou a dizer:

(Pai): Sua mãe está certa. Você não parece bem e não está agindo de maneira coerente. Deveria escolher outro emprego que não exija tanto de você.

(Filho): Aprecio a demonstração de consideração, pai, mas estou bem e preciso apenas de privacidade.

(Pai, perdendo a compostura): Não quero mais saber dessa maluquice que te deu, e, se você não consegue tratar sua mãe de maneira decente, é melhor ir embora desta casa!

### O senhor poderia segurar meu paletó?

O que fazer numa sociedade previsível e aprisionante? “Todos reconhecem o direito à revolução, ou seja, o direito de negar lealdade e de oferecer resistência ao governo sempre que se tornem grandes e insuportáveis a sua tirania e ineficiência”, responde o filósofo Henry Thoreau. E então um grupo decide organizar a incoerente Trajetória do Paletó.

Foi assim: entrou um cara no ônibus vestindo um paletó. Um calor absurdo, as pessoas derretendo nos bancos e aquele cara ali, de paletó. Então outro homem subiu e se sentou na frente, como se ambos não se conhecessem. De repente o que estava com o paletó passou-o para o outro, pedindo: “O senhor poderia segurar o meu paletó?” E depois desceu, sem mais nem menos, deixando a roupa nas mãos de um suposto desconhecido. Que, dentro de alguns instantes, passou o paletó para o terceiro homem do grupo, e assim por diante.

Raghy era o último a receber a roupa, e sua missão era entregar o paletó para qualquer passageiro do ônibus, aleatoriamente. “Na hora em que eu subi já estavam dando gargalhadas”, diz. Ele conta como foi:

“O ônibus estava quente, você sentia, saca um clima diferente. E todo mundo já tinha percebido que seria eu que receberia o paletó. Tava mais que na cara. E a gente, lá, com a maior seriedade. Aí o elemento do grupo passou o paletó pra mim e eu fiquei com ele. O cara desceu. Então, naquele banco atravessado tinha duas mulheres que riam de dar gosto, riam pra c\*. Morriam de rir, não sei por quê, né? Acho que do absurdo da situação. Aí eu pensei comigo: ‘Vou entregar pra uma delas o paletó’. Na hora de descer, cheguei e disse: ‘A senhora podia segurar o meu paletó?’ E elas: ‘Deixa aí, deixa aí, e pus no banco.

“Eu desci e o paletó continuou sendo passado dentro do ônibus. Lá dentro alguém havia falado: ‘Acho que é promessa...’ e coisa e tal. Ninguém achava que era arte. Cada um dizia que era uma coisa. Uma das mulheres falou o seguinte: ‘Olha, só mesmo a gente andando de ônibus pra gente se divertir’. Puxa, achei essa frase ótima, incrível. Aí acontece que alguém pegou o paletó e desceu com ele. Dentro desse paletó estava escrito ‘Favor devolver no endereço tal’, prevendo-se a remota hipótese de alguém devolver o paletó. Aí seria incrível (nunca aconteceu), o pale-

tó teria dado uma trajetória completa. Mas era um paletó bom e o cara deve ter ficado com ele.”

### Desobediência civil

Pode parecer total falta de coerência, mas é (também) revolucionário. Quando a intervenção é nas ruas, são muitos os que admitem a quebra dos padrões e rendem-se à irreverência total com relação às regras; mas quando a subversão acontece dentro de certos locais (a escola, o teatro), a coerção se faz sentir.

Para um dos remanescentes do grupo, Roberto Melo, essa atual onda de midiativismos parece ser herdeira do que o Viajou Sem Passaporte fez entre 1979 e 1983 em São Paulo, sem mídia e com um ativismo muito discutível. Em conversa por e-mail, rejeita a classificação de “grupo de teatro” e lembra-se de que costumavam invadir algumas peças em tempo real, mas eram mal recebidos pelos atores. “Não sabemos recitar, representar, cantar, desenhar, escrever, dançar”, diz o manifesto do grupo, de 1978. “Não sabemos ensinar lições angustiantes ou reconfortantes. [...] Aqueles que procurarem desvendar nosso ‘conteúdo’, nossa mensagem para o mundo, que se virem (de costas): nos tacharão de loucos irrecuperáveis; e aqueles que aplicarem emboloradas leis estéticas ao nosso trabalho se sentirão ridículos.” A ação do grupo acontecia no limite entre a liberdade e a restrição, e os objetivos eram unicamente “quebrar as paredes que envolvem janelas”.

Nessa mesma linha, Henry Thoreau julgava mais barato sofrer a penalidade pela desobediência do que obedecer. E ele foi além: sob uma sociedade que prende os cidadãos numa rotina coercitiva e insuportável, o único lugar digno é a prisão. Declara, em *A Desobediência Civil* (escrito após o autor ter sido preso por se negar a pagar impostos, alegando que estes financiavam guerras e a exploração contra outros países): “Hoje em dia, o lugar próprio, o único lugar

que Massachusetts reserva para os seus habitantes mais livres e menos desalentados são as suas prisões, nas quais serão confinados e trancados longe do Estado, por um ato do próprio Estado, pois os que vão para a prisão já antes tinham se confinado nos seus princípios. [...] É aí, nesse chão discriminado, mas tão mais livre e honroso, onde o Estado planta os que não estão com ele, mas sim contra ele – a única casa num Estado-senzala na qual um homem livre pode perseverar com honra”. ♦

A ação do grupo acontecia no limite entre a liberdade e a restrição, e os objetivos eram unicamente “quebrar as paredes que envolvem janelas”